



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Isadora Bonfim Nuto  
**Organizadores:** Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-637-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.376212710>

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva (Organizador). II. Vale, Kamilly Souza do (Organizadora). III. Título.

CDD 618.9289143

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com amor,  
à Helena Vale (*in memoriam*)

## PREFÁCIO

Ater-me à linguagem de uma obra, naquilo que posso apresentá-la ou presentá-la, implica, antes de qualquer exposição minha, na humilde assunção da linguagem como senhora última de nossa construção e abertura ao mundo. Assim, olhar e dizer estão carregados de uma implicação hermenêutica, à medida que como seres humanos somos linguagem e mundo em interatividade transformadora. O desafio hermenêutico se constitui na produção de exatidão de sentidos: aqueles que repousam sobre a produção – intencionando quem lê; sobre os autores – intencionando seus objetos e, para muito além, o sentido transcendente imposto pela fusão da obra e leitor na necessidade de ida à escrita, aos objetos dos autores e aos próprios objetos, produzindo então novos sentidos e novas construções.

Assim, a medida exata do entendimento de quem apresenta e introduz não faz jus à qualificação que será produzida no encontro com o leitor. Sugiro que cada leitor se deixe visitar pelos vários capítulos, ingenuamente, para posteriormente consultar as possibilidades de ser a partir daí mesmo, acenando a si com novos horizontes e possibilidades. Uma das características epistemológicas da Gestalt-terapia é sua condição moldável, sua plasticidade ou flexibilidade como queiram alguns e outros que, devido a isso até mesmo chegam a considerá-la sem epistemologia. Se a episteme seria uma dimensão que aprisiona e polariza, então a Gestalt-terapia é a-epistêmica sim, e eu ousaria dizer, anti-epistêmica, por aceitar sempre a introdução de novos e diversos pensamentos, ainda que mantenha sua identidade.

Mas a tecitura dos capítulos poderá falar por si, e eu por eles em mim, ao passo que cada “apresentação” poderá, dar-se como o presente mesmo, como um prenúncio do ganho – aqueles que por vislumbre identificamos ser saciedade, o encontro do adejo no emaranho, a descoberta da preciosidade ainda mesmo sem se saber da permanência da busca; e assim dando a todo inaugural da linguagem, a certeza do instante. Dizer é fixar sentidos. Mas a palavra bem dita os torna brevemente fixos, apenas para em alguns instantes calar fundo e fazer calar para, em seguida, erigir e destruir mundos. Assim os temas se seguem e nos seguem. Vejamos.

Podemos, podemos sempre como psicoterapeutas, estudiosos, cientistas que somos, supor que a violência entre os casais (seria toda forma de violência?) está alicerçada em padrões sociais mais amplos. Mas, aqueles que testam essa hipótese e a verificam em um trabalho profícuo, esses são os gestalt-terapeutas que em grupo, no grupo e para o grupo elegem a ação efetiva de uma Gestalt-terapia que, ainda que posa estar se perdendo de sua origem grupal, guarda-se na intersubjetividade como princípio epistemológico irreversível. Assim é que *Kamilyly Souza do Vale*, no *primeiro capítulo* expõe

um de seus trabalhos com casais em situação de violência conjugal, passando brevemente pelo histórico da psicoterapia de grupo, pela história e alguns princípios da psicoterapia de grupos gestáltica, os elementos constitutivos da psicoterapia de curta duração com grupos da Gestalt-terapia, desembocando naquilo que coroa o trabalho efetivo de um gestalt-terapeuta: desfazer as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar os modos de violência, nesse caso, entre o casal. É em grupo que os casais podem se ouvir, no sentido de uma escuta que é de alguém, para alguém, por algum motivo, de algum modo e, para ser refletida sobre o modo de atuar na vida com o objetivo de reconhecimento e superação.

Curiosamente, casos clínicos não são frequentemente publicados em Gestalt-terapia. A despeito da consideração dos motivos, posso afirmar que há algo de ousado em mostrá-los, comparável ao supervisionando que apresenta seu caso em um grupo novo, temeroso dos olhares, da austeridade dos colegas e da profundidade da análise do supervisor. Mas no *segundo capítulo*, *Lázaro Castro Silva Nascimento* eleva seus supervisores e colegas à potência da infinitude, quando publica o caso de Franklin. Aos poucos pode-se perceber que sua ousadia de publicação é a mesma que o fez atender Franklin, sendo o leitor lentamente agraciado com o cuidado amoroso na condução e relato do caso, ao passo que revela suas intervenções sem, contudo, restringir-se à psicopatologia ou à técnica como elementos definitivos do processo. É a *relação*, associada a um olhar tecnicamente competente, mas antes e sempre a relação a produtora de mudanças significativas. E por falar em técnica, podemos finalmente perguntar qual o papel da técnica em Gestalt-terapia? Podendo ser compreendida como uma extensão do humano ou como o aprisionamento do ser, a técnica parece desfrutar de uma condição ambígua, de mocinha e vilã, quando referente às abordagens humanistas, em função de sua herança cientificista e também do comprovado auxílio que parece promover na atuação psicoterápica. No citado caso exposto por Lázaro, o autor apresenta o “mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico”, dando-lhe ao mesmo tempo uma condição técnica e experimental. É exatamente o caráter experimental (não-determinístico, intuitivo, compartilhado, entre outros aspectos) que dá ao procedimento sua condição de libertação dos ranços da técnica. Desejo que próprio leitor faça sua apreciação dessa condição.

E dentre as condições a que estamos lançados, a violência, essa dos primórdios em que o homem se registra como homem, aparece como instituinte e reguladora do poder entre pessoas, grupos e nações, e nos impõe a pergunta se teremos mesmo elucidado suas facetas, suas minúcias e, principalmente sua origem, de forma que possamos nos perguntar como contribuir para mitigá-la. É nessa direção, de contribuição para uma perspectiva distinta e, por isso mesmo, necessária que *Leda Mendes Gimbo*, no *capítulo 3* faz sua exposição, caracterizando a violência como um hábito, mas não apenas aquele que se instaura na vivência individual e sim aquele instituído por macropolíticas, como forma de dominação de sociedades e grupos inteiros. Delineando a teoria do *self* em sua condição

necessariamente fenomenológica, a autora expõe minuciosamente essa pertinência e demonstra o modo de um fenômeno social se configurar como hábito, aparecendo por fim na teoria do *self* em sua dimensão individual. Afim com essa perspectiva, o *self* é reafirmado como um sistema de contatos e não como instância, a violência é situada na dinâmica entre as funções id, ego e personalidade, mas também vinculada a hábitos introjetados e repetidos historicamente, a serviço de fracasso ou sucesso social. Surgindo dessa forma, parece impossível mitigá-la, dados os caracteres antropológico e histórico a que a violência é tributária mas, afim com o *ethos* gestáltico, a autora evoca a insubmissão e a recusa *como possibilidades libertárias e criativas* dentro de uma condição clínica, afim com princípios éticos gestálticos e propensos a não se confirmar um fazer psicológico conivente e reforçador de injustiças.

O capítulo 4, de Alberto Heller, traz-me um pensamento que há muito me acompanha e que ainda não sei exatamente como implementá-lo: está na hora de musicar a vida, a partir dos infinitos silêncios que a inauguram. Exatamente essa ideia de uma escuta do inaudível está exposta em todo o seu texto, afirmando a necessidade de interposição de sentidos ou resgate das sensações intermodais (tatear com os olhos, ouvir com o corpo, ver com os ouvidos) de se entender o ouvir para além da escuta do senso comum e do sentido comum das psicoterapias. Está instituído um modo de escutar em psicoterapia que fixa a atenção no bem-dizer, nas regras gramaticais da língua, nos modos permitidos de expressão, na semântica necessária, na lógica causal e no ritmo vigente, de forma que a dança necessária entre sons e silêncios, entre o silenciamento do psicoterapeuta e sua escuta qualificada (inclusive para o não saber o que ouvir) estão tolhidos e abolidos do processo psicoterápico. Alberto, realiza uma série de exames dos termos ouvir, escutar e auscultar, vinculando seu sentido ao estar aberto, à obediência corporal necessária para que o psicoterapeuta deixe de prioritariamente escutar a si mesmo para escutar o outro. É dessa maneira que incorpora o “estranho” ao processo psicoterápico, analogamente à música que está com as janelas abertas para ruídos e sons imprevisíveis, dando a eles abrigo como se abriga um viajante (*êthos*) e assim possibilitar a escuta do não-eu; afirmando então esse radical não-eu que se abre para onde o outro quer levar o terapeuta e não para onde esse técnico o quer conduzir. Ainda resta em aberto a clarificação daquilo a que a escuta terapêutica se refere, em que Alberto contribui com a necessidade de se fazer parte da *dança, do quadro, da música, da cena*.

Há ainda muito o que ser ouvido, e muito mais ainda a ser selecionado para ser ouvido. Afim com essa constatação *Isaura Caroline Abrantes Silva e Welison de Lima Sousa* dirigem seus ouvidos para o inaudível, o invisível, o indizível. Imagino uma situação corriqueira, ao final do dia, em que uma pessoa pergunta a outra onde ela vai, com a resposta também costumeira de um “para casa”. Como seria não ter a casa para ir? Como seria não poder morar em nenhum lugar? Apenas por imaginação poderíamos sequer nos

aproximar da vida de pessoas em situação de rua. No *capítulo 5* os autores fazem um exame da condição das pessoas em situação de rua estabelecendo relação com a clínica gestáltica, enfatizando o entendimento da rua não apenas como o lugar da falta – evidente na ausência de moradia, de alimentação, de poder econômico, de políticas públicas – e que revela a exclusão econômica e política, mas também o lugar da presença e das potências: lugar de relações sociais onde se produz junto/com. E é nessa condição que apresentam a Redução de Danos como ferramenta política para pensar a clínica do sofrimento e o fazer do Acompanhante Terapêutico para o resgate de uma dimensão ética pouco abordada em Gestalt-terapia. O propósito é a provocação de um desajustamento criador: o construir de novidades que, com o suporte do campo, dê a psicoterapeuta e paciente a presença no invisível, o deserto das representações também chamado de vazio fértil. A Gestalt-terapia precisa repensar seu fazer? Sim, na medida em que possa estar a serviço dos imperativos e pedidos neoliberais de produtividade. A clínica então, deve servir ao não servir. Haverá nesse contexto, maior serventia que essa?

A resposta sobre a serventia de uma clínica fundada no vazio fértil traz à tona outras buscas, outras possibilidades de fazer da Gestalt-terapia. É mais uma vez o contato com a emergência e dessa vez da solidão do ato terapêutico que a discussão sobre a formação, eu me digo melhor, sobre a contínua e nunca acabada transformação do gestalt-terapeuta em ser si mesmo que a *intervisão* irrompe como ato, como possibilidade e com diferenças notórias em relação aos outros campos de construção e reconstrução do gestalt-terapeuta. No *capítulo 6*, *Natascha Bravo de Conto e Dafne Thaíssa Mineguel Assis* examinam a *intervisão* e a diferenciam do processo de psicoterapia e da supervisão, apontando as singularidades que, fundamentadas em uma relação dialógica, fazem surgir o ser dos psicoterapeutas com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. É a partir de uma relação não hierarquizada, sustentada no diálogo e na troca genuína que a *intervisão* se torna esse espaço complementar da psicoterapia e da supervisão onde emergem as potências e as nuances construtoras da história e trajetória dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a metáfora pertinente é de artistas que compartilham um trapézio e precisam equilibrar-se juntos e confiar na presença do outro para as manobras, ao mesmo tempo dotadas de destreza, mas também de saltos onde se acredita estar o outro ali, bem à mão e literalmente à mão, para ser o suporte condutor ao término do movimento. Dessa maneira beleza e risco se confirmam como necessários, mas também se sustentam na possibilidade de ser enquanto simples simetria.

E de quantas experiências precisaremos para sermos o efetivamente denominado de psicoterapeuta? Se olharmos para as pedras que compõem uma ponte, perguntaremos quem faz a suficiente sustentação: arco ou pedras? A resposta parece estar na superação da dicotomia, lugar onde pedras e arco “desaparecem” para aparecer a ponte. Assim, a partir de um caso (mais uma pedra?) é que *Lílian Vanessa Nicácio Gusmão*, no *capítulo 7*,

apresenta o acolhimento, a construção de desejos, a interlocução solidária, os sentimentos, valores e pensamentos compartilhados, apenas para recuperar uma pessoa (ou seria o próprio arco?). Uma pessoa que precisou vencer a dicotomia de ser adulto ou ser criança exatamente por, durante um longo tempo de sua vida, ter feito introjeções disfuncionais reveladas numa gastrite, na banalização da vulnerabilidade para evitação dos conflitos. Curiosamente, é no resgate e possibilidade de enfrentamento dos conflitos que o paciente de Lílian pode se expressar, e passar pela efetiva experiência de inclusão no colo da psicoterapeuta, lugar de cuidado e de segurança, onde pode também experienciar-se de forma plena. Experiências traumáticas são revisitadas por Lílian e seu paciente, atualizadas na dimensão do aqui e agora, conferindo a possibilidade do apoderamento de si mesmo. Sim, o leitor verá como o arco e as pedras desapareceram; vislumbrará apenas a ponte, quer seja figura a terapeuta, o cliente ou, ainda quem sabe, tudo isso junto.

E dessa noção de fixidez instalada em nossa necessidade de estabilização do mundo, perdemos a dimensão da unicidade quando somos obrigados a nos “desterritorializar”. A maioria de nós não sabe o que efetivamente é ser um estrangeiro, experienciar a perda de cidadania e de direitos em seu país de origem e novamente ser submetido a essa experiência no país onde se pediu abrigo. Com uma contribuição de combate a essas vivências, *Elis Moura Marques* no *capítulo 8* aborda a experiência de pessoas migrante e refugiadas venezuelanas no Brasil. Entender as dificuldades e sofrimentos, aquelas inerentes a toda e qualquer pessoa em estado de crise, é uma tarefa inerente ao gestalt-terapeuta; e é ainda mais sua tarefa compreender as especificidades sofridas em cada situação particular de sofrimento, com o objetivo de tornar, por um lado, mais apropriada a ação de cuidado, por outro, mais artístico nosso trabalho, no sentido de fazermos uma adaptação do conhecimento geral e sistemático à unicidade e singularidade daquele que se nos apresenta. Através do relato de três situações clínicas, Elis nos coloca em contato próximo à experiência de sofrimento dos venezuelanos refugiados no Brasil. Importante ressaltar o modo como aproxima a necessidade de uso do conhecimento gestáltico no trabalho com essas pessoas, através inicialmente do resgate histórico de desterritorialização experienciada por Perls e Laura, através da apropriação do fazer gestáltico como de um cuidador dos vínculos e das relações antropológicas. É assim o estabelecimento de auxílio para a restituição da autonomia perdida pela xenofobia, caráter agravador de sofrimentos anteriores e inerentes a todo e qualquer ser humano, mas que nos preconceitos impostos é potencializado e faz subsumir aspectos saudáveis desse outro em generalizações desqualificantes.

Entendo ser necessário aprender para estar com o diferente, o novo e o inusitado e, nessa perspectiva, a aprendizagem, objeto de estudo de tantas facetas, tem uma leitura particularmente gestáltica no *capítulo 9*, quando *Ana Karina El Messane* examina os impedimentos de caráter afetivo presentes no processo de aprendizagem. A confluência,

um dos modos de impedimento do contato, é considerada naquilo que gera dificuldade no aprendiz em ser o autor de seu próprio pensamento. Articulando as formas de evitação do contato com a Epistemologia Convergente, com a Gestalpedagogia como forma de Epistemologia Integrativa, Ana Karina apresenta um caso onde demonstra a forma como o conhecimento é fruto da relação, da experiência vivida onde sujeito, objeto, eu, outro e mundo caminham lado a lado, mas para além disso, transcendem as dicotomias entre partes-todo, exatamente por ser dotado de interconexões da ação humana com o ambiente, os processos sócio-históricos e a cultura. Nota-se o modo como os pais de seu paciente puderam compreender seu lugar e seu papel de confirmadores do filho, dedicando-se à nutrição emocional, imprescindível para revelar o escutar, o ver, o pensar, o refletir como processos fundamentais da aquisição de autonomia para a criança ser construtora não apenas do conhecimento próprio, mas de sua própria vida. A dimensão emocional torna-se assim o objetivo fundamental da aprendizagem como forma de integrar corpo e emoções com o processo cognitivo. Mais uma vez, em uma dimensão educacional, poderá o leitor perceber que a integração se torna o princípio e fim do processo de criação, sustentação e crescimento humanos.

Se a integração aqui e ali se apresenta como um elo necessário de toda ação em psicoterapia, particularmente o fluxo, esse deixar-se conduzir junto com, sem jamais ser meramente passivo, essa arte do encontro consigo e com a própria vida que sempre se revela no outro, adquire novas roupagens quando a criatividade é sentida sob a pena de *Wanne de Oliveira Belmino*, no capítulo 10. Acredito ser o capítulo que ilustra de maneira integrada a necessidade que se articulem fluxo e criação, onde o ser cíclico do feminino é necessariamente considerado. Wanne, de maneira artística e reflexiva, olha para seu próprio fluir, seu modo cíclico de estar no mundo e em si mesma. O feminino que há em todos nós – negado sob a visão machista – precisa ser reconsiderado a partir daquelas detentoras de maior pertinência nesse dizer: as próprias mulheres. E como mulher Wanne reflete sobre um aspecto às mulheres concedido, o de substituição do masculino, mas sendo ele mesmo impeditivo da aparição de suas singularidades, ao passo que faz emanar a rigidez típica do masculino. Como consequência, o adoecimento, a discriminação salarial, as pressões sociais, a precarização do trabalho e o acúmulo de tarefas eclodem em uma dimensão ambígua: se por um lado confirmam o “avanço” feminino em suas conquistas, por outro a solapam peculiaridade desse feminino e negam o reconhecimento da dimensão cíclica de suas energias físicas e psíquicas. É urgente reestabelecer um fluxo saudável, resgatando assim as múltiplas partes do feminino que dialoga sabiamente com a noção de crescimento em Gestalt-terapia, tendo exemplarmente no período menstrual uma importante metáfora da autorregulação orgânica. Ficar no vazio, permitir-se o contato, o emergir de algo, ainda que embrionário, fluir com o emergente e transfigurá-lo em expressões significativas, respeitando a própria criação e em direção a algo integrador e

complementar: eis o processo criativo em sua ciclicidade. O nada se apresenta como prehe de possibilidades e estas anunciam e completam o ser.

Essa obra então se configura por esses dez capítulos, dez convites, dez diálogos em integração. As experiências de seus autores (ex-peri-ência: sair de seu próprio ser) adquirem maior sentido quando revelados na forma de escritas, na maioria delas dizendo “olha o que eu vivi” e imediatamente se transformando em vivência do leitor, se atualizando na possibilidade de novos vividos. A experiência sugere a repetição, a vivência inaugura a singularidade e o novo. Assim, leitor e autores se integram na permissão dada de experiência e vivência. Enquanto linguagem, nos expressamos nas palavras, no corpo e na transcendência dessas dimensões a que preferimos sempre chamar de “ser”.

**Silverio Karwowski**

setembro de 2021.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFU, autor do livro Gestalt-terapia e Fenomenologia, Diretor do IGC – Instituto Gestalt do Ceará e professor universitário.

## APRESENTAÇÃO

Movidos pelo desejo de dar continuidade ao objetivo de fomentar espaços de interlocuções entre profissionais de diferentes regiões do Brasil e que tem a abordagem gestáltica como suporte teórico, apresentamos o livro *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. A proposta desta obra contempla a díade teoria-prática através dos escritos que são frutos de reflexões e experiências vivenciadas pelas autoras e pelos autores. Cada um com sua bagagem profissional e visão de mundo configurando um espaço de troca, construção de conhecimento e compartilhamento de experiências.

Os temas presentes neste livro nos convidam a olhar para uma clínica engajada politicamente, que prima pela ética do cuidado, e que ultrapassa os muros de uma clínica tradicional e solipsista. É uma clínica gestáltica que ultrapassa fronteiras, que tem música, sons, que reverbera e que mobiliza o campo para abrir espaços para a novidade. É uma clínica do contato com o novo e do contato com o diferente!

**Lázaro Castro Silva Nascimento**

**Kamilly Souza do Vale**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS	
<a href="#">Kamilly Souza do Vale</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA	
<a href="#">Lázaro Castro Silva Nascimento</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A VIOLÊNCIA COMO HÁBITO: LEITURA DE UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA TEORIA DO SELF	
<a href="#">Leda Mendes Gimbo</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
ESCUA MUSICAL, ESCUTA CLÍNICA: PASSAGENS	
<a href="#">Alberto Heller</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
VIDAS NAS RUAS: VULNERABILIDADES E POTÊNCIAS EM UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA	
<a href="#">Isaura Caroline Abrantes Silva</a>	
<a href="#">Welison de Lima Sousa</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO	
<a href="#">Natascha Bravo de Conto</a>	
<a href="#">Dafne Thaíssa Mineguel Assis</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106</a>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA	
Lilian Vanessa Nicácio Gusmão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS VENEZUELANAS NO BRASIL	
Elis Moura Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
A CONFLUÊNCIA E O OBSTÁCULO DE CARÁTER AFETIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Ana Karina El Messane	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA	
Wanne de Oliveira Belmino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010">https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>129</b>

# CAPÍTULO 7

## AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA

Lílian Vanessa Nicácio Gusmão<sup>1</sup>

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.

— A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco Polo —, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

— Sem pedras, o arco não existe.

Ítalo Calvino

### INTRODUÇÃO

Cuidar do outro só é possível quando estamos em contato com as vulnerabilidades que nos afetam. No papel de terapeutas, em relação, acolhemos as vulnerabilidades do campo, e não há um estar com outra pessoa que não seja também estar às voltas conosco.

À luz da teoria do self e dos demais conceitos da Gestalt-terapia, bem como de experimentos a partir do campo fenomenológico, o caso clínico aqui abordado acompanha a vivência de uma travessia traumática relacionada a uma experiência infantil e o lidar com a desimplicação no campo como possibilidade que se apresenta, ao mesmo tempo, como ajustamento criativo e defesa. As possibilidades desenvolvidas nesse percurso desenharam a curva do arco e permitiram o movimento em busca da incessante obra de ser si mesmo.

Acompanhar esse caso mobilizou aspectos que me permitiram identificar a necessidade de o consulente realizar travessias e perceber que há algo no fundo de vividos retidos, situações inacabadas. Ao mesmo tempo, foi necessário avaliar o meu nível de suporte interno, assim como o do consulente, para os experimentos diante da experiência traumática, menos para lembrar o acontecido do que para identificar introjetos disfuncionais das experiências e expressar emoções e atitudes retrofletidas. Esse movimento impulsionou o consulente a percorrer os aspectos inconclusos e a criar sua

---

1. Psicóloga graduada pela UFMG, especialista em Gestalt-terapia pelo IGTBa, professora e orientadora em Gestalt-terapia na Faculdade Estácio de Sá – Unijipa desde 2015 e em grupo de orientação de casos clínicos em GT e em Institutos em Rondônia e Roraima. Tem mestrado em Ciências Ambientais com ênfase na Prevenção de Transtornos Emocionais pela UNITAU. É sócia e psicóloga clínica no Instituto Vida Plena de Desenvolvimento Humano de Ji-paraná – RO e psicóloga clínica na Persona – Clínica de Psicologia em Ouro Preto do Oeste – RO. É cofundadora do Grupo de Estudos Figura Viva, em formação pela ABT, em Somatic Experiencing.

forma de estar no mundo a partir de suas necessidades, reencontrando o aconchego de um colo possível e recuperando, na relação com os filhos, ajustes criativos que permitiram o livre fluir nas dimensões presente, passada e futura.

Atender ao pedido de “ser colo” trouxe uma convocação ao meu lugar enquanto terapeuta, um lugar ético que pode acolher, ser continente afetivo, escutar o apelo por suporte e inclusão, provocar o desvio e estimular a produção de ajustamentos criativos e a reconquista da autonomia diante das vulnerabilidades, o que significou muito acerca de aonde já pude chegar e do quanto pude experienciar na relação terapêutica diante dos ajustes em trânsito.

Fazer clínica, acompanhar a relação organismo-ambiente é o entre e se constitui no processo de agressão/destruição e assimilação da novidade que emerge no campo, para que o crescimento tenha espaço.

Em estado de travessia, acompanhei a superação da dualidade criança interior e adulto do consulente, em que foi possível um trabalho no qual as experiências infantis puderam ser ressignificadas e ele pôde continuar na experiência de ser adulto a partir de novos ajustes criadores do self.

## A SITUAÇÃO CLÍNICA: AS PEDRAS E O ARCO

Olhei para o ano que passou, e só tinha trabalho.

Não tinha eu.

Marco, 34 anos, primeira sessão de terapia

Apresento o caso clínico de Marco (nome fictício), atendido por 25 sessões, que trouxe como queixa principal diante do ano que havia passado o fato de lidar somente com o trabalho, e não consigo mesmo, e a dificuldade para achar uma direção.

Marco chegou ao consultório a partir de uma indicação, apresentando timidez, tensão, simpatia, ansiedade e mostrando-se ligeiramente constrangido por trazer sua história. Ele contou que começou a trabalhar com carteira assinada aos 13 anos de idade, que não teve adolescência liberada e que a mãe o deixava como seu assistente. Casou-se pela primeira vez aos 21 anos e, dessa relação, teve um filho; separou-se e manteve contato com a ex-mulher e o filho dentro das possibilidades. Houve alguns desencontros com o filho, uma vez que trabalhava muito.

Iniciou o segundo relacionamento alguns anos depois em outra cidade; lida com cobranças da esposa e cobra-se muito; trabalhou na área comercial e, devido à mudança de cidade, estava em busca de recolocação profissional. Estava acostumado a um ritmo

mais acelerado. Disse também que se coloca no lugar do outro em tudo, o que toma tempo de si, e, com as cobranças, às vezes se percebe travando:

— Vivo à sombra dos problemas dos outros.

Em uma das sessões, expôs que se sentia desestabilizado e que, quando se sentia assim, protegia-se do mundo, experimentava medo, desconfiança e falta de paz. Contou não ter lembranças da infância, nem mesmo em fotos. Diante disso, solicitei, caso fosse possível, que ele observasse no corpo alguma parte que estivesse mais presente a partir dos aspectos que havia trazido. Marco identificou o estômago, explicando ter gastrite desde pequeno.

Percebi que tinha trazido um aspecto da infância – a gastrite – e questionei se ele havia notado; respondeu que sim. Então propus, como recurso, caso permitisse, que percebesse o corpo naquele momento, mantendo a atenção em sua experiência corporal, e, a partir disso, fizesse contato com o órgão, através das funções de contato. Marco levou uma das mãos ao local e seu semblante mudou.

— Aqui eu me viro, enquanto você dá conta de tudo aí fora. (Órgão)

— Eu ficava esperando a morte da minha mãe... Ela dizia: “Vou morrer hoje”. Um dia eu a salvei.

Disse a ele que, para mim, salvar a mãe exigia um grande esforço e questionei como ele percebia isso. Respondeu que a gastrite tinha relação com o episódio acima e passou algumas sessões trazendo questões que o amedrontavam e o entristeciam e relatando como facilmente deixava de cuidar de si para lidar com outras prioridades. Em uma sessão posterior, abordou o cuidado consigo e a atenção à alimentação e trouxe os sintomas estomacais mais amenos.

Após algumas sessões, relatou que lembrar da infância era difícil e referiu a vergonha e a dificuldade de olhar para si mesmo pequeno, mencionando o quanto uma experiência de abuso o havia marcado sobremaneira.

Solicitei que, caso pudesse, percebesse seus apoios e verificasse qual parte do corpo se fazia presente. Como ele disse que sentia mais os pés, propus um experimento, uma vez que já estávamos no processo há algum tempo: o de que fizesse contato com os pés no chão e que, diante do que estava trazendo, ficasse atento ao movimento respiratório e a como era respirar naquele momento. Percebeu dificuldade de soltar o ar (expirar):

— O ar está preso... Sempre quis chorar quando criança e não conseguia.

Diversos movimentos corporais vieram: as mãos se fecharam, o rosto tinha um aspecto tenso e a respiração acelerou. Solicitei que ficasse atento ao que acontecia no corpo, as sensações, os movimentos e qual ponto estava mais presente. Ele moveu as mãos, ainda com os punhos cerrados, e disse:

— Sinto raiva.

Solicitei que fizesse contato com os apoios e fosse acompanhando o que acontecia no corpo a partir da raiva.

Marco ficou nesse contato e expliquei a ele que o estava acompanhando e que tínhamos tempo. Cerrou ainda mais os punhos e relatou o episódio de abuso infantil:

— Fui levado a um terreno baldio por meninos do bairro em que morava.

O semblante mudou. Contou que via a si mesmo pequeno ser abusado; seu tom de voz baixou e expressou tristeza ao se aproximar da cena. Solicitei que percebesse se havia alguma necessidade de expressão, sensação ou emoção que pudesse permitir, ressaltando que estava ali com ele e o apoiaria. Referiu que os braços estavam enrijecidos e que queria socar o agressor. Propus que, se fosse possível, o fizesse como que em câmera lenta. Os braços iam e vinham; depois, explicou que se abaixou e disse à criança que estaria sempre com ela. O choro se fez presente.

— Naquele momento não tinha ninguém, me senti sem pai nem mãe.

Em seguida, expressou o abandono e a proteção que ofertou:

— Foi bom eu ter aparecido.

Percebi que os punhos já não estavam cerrados e pedi para observar como se sentia com isso.

— Eu o protegi.

— Protegeu a quem? — questionei.

— Protegi a mim.

Solicitei que permanecesse em contato com os aspectos dessa experiência e que desse tempo a si mesmo para observar.

— Guardei a culpa todo esse tempo — ele disse.

Em sessões posteriores, Marco trouxe as questões conjugais e como se apresentavam difíceis. Não se percebia reconhecido e se sentia pressionado. A partir disso, dividiu algumas tarefas e reorganizou pontos da rotina com a esposa.

Durante esse período, o casal engravidou e passou por situações de aborto espontâneo. Com auxílio da técnica da cadeira vazia, conforme Figueiroa (2015) uma cadeira ou objeto, foram destinados a representar personagens de alguma situação inacabada, aspectos polares da personalidade, aspectos projetados ou qualquer outra possibilidade de dissociação ou conflito e se dá na forma de um diálogo que o cliente estabelece com a outra parte, intercambiando papéis, mudando de lugar, a fim de que o mesmo entre em contato com material novo que pela awareness possa ser reintegrado. O que tornou possível ao consultante perceber que gostaria de estar mais inteiro para receber os filhos e se expressar a eles:

— Agora estou me preparando para receber vocês.

Houve um intervalo no processo psicoterápico e, nesse tempo, nasceram dois filhos do casal e Marco lidou com lutos importantes, entre eles o da mãe. Em uma das sessões seguintes, trouxe o falecimento e a falta que sentia dela: “esqueci que fui filho”; “comecei a trabalhar cedo”; “fico cuidando e protegendo minha família”.

Como expôs sentir falta do colo da mãe e de ir a ela como filho, solicitei que, se possível, escolhesse, caso houvesse no consultório, algo que pudesse representar o colo da mãe. Ele respondeu que seria o meu colo, e, naquele momento, percebi que era possível assumir e ofertar algo do sagrado dessa experiência: “ser colo”. O choro do cliente veio de forma espontânea e convulsiva.

Aquele foi um movimento na díade relacional.

— Mãe, eu fiquei sozinho, sozinho — ele repetia.

O choro e a possibilidade do colo estavam presentes, mas minutos depois o choro foi perdendo força e deu lugar à quietude. Uma manta somou-se ao experimento.

Em outra sessão, veio decidido a não lidar com todas as pressões da esposa e percebeu que se realizava quando ia naturalmente, sem as cobranças dela, tratar das questões domésticas, do mercado, das crianças, do casamento. Também percebeu que se posicionou na relação conjugal e que vinha desempenhando melhor as atividades de trabalho:

— Fiquei mais agressivo para o meu profissional, fiquei feliz. Se conseguir atingir as metas, ok; se não, não vou ficar me cobrando.

Explicou, ainda, que a esposa havia diminuído a carga horária de trabalho para estar mais com os filhos e contou que o estresse também havia diminuído.

À medida que se permitia trazer seus limites, percebeu os impactos na relação conjugal:

— [Isso] Tirou um peso nosso.

Referiu também que vinha vivendo experiências gratificantes com os filhos:

— Revivo com os filhos uma infância, como se fosse com meu pai: céu azul, pipa, carrinho e banho de bacia. Esse é um momento de expansão, tenho ido para a música, para equilibrar; é onde quero estar, traz paz.

Comuniquei a Marco que suas experiências de crescimento estavam se dando na medida em que se ofertava abertura e cuidado a partir do próprio desejo. Percebi que ele havia percorrido a travessia pela ponte e que agora seria possível percorrer o caminho a partir de uma nova forma.

## AS CORRELAÇÕES NA GESTALT-TERAPIA – A CURVA DO ARCO

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.  
Fernando Pessoa

A partir do método fenomenológico, o psicoterapeuta atua como um heterossuporte e auxilia a estabelecer a ponte por meio da presença e da abertura na relação dialógica. De acordo com Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, “o que importa ao clínico é, em tese, deixar-se arrebatado por aquilo, que, no campo clínico, emerge como figura” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 139). No caso citado, o que se apresentou inicialmente foi a queixa de não olhar para si mesmo, pois só havia lugar para trabalho; foi a partir daí que o consulente trouxe o incômodo por se sentir desestabilizado.

Segundo Alvim (2020, p. 79), nosso corpo-tempo, capaz de criar e transformar o mundo, tem sido um corpo-máquina a serviço da maquinaria do sistema capitalista neoliberal, do trabalho. Mas o corpo-tempo vive e precisa resistir, afirma o autor.

Marco, o consulente do caso que relatei, apresentou, em sua queixa, a possibilidade de abertura para novo ajuste criativo, demonstrando que, naquele momento, já não respondia às suas necessidades. Percebo beleza e resistência nesse movimento, como algo reconhecido pelo organismo, que agora, diante dessa percepção, pôde buscar formas de se autorregular.

Ajustamento criativo é o processo pelo qual o corpo-pessoa, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si, no meio ambiente ou em ambos soluções disponíveis, às vezes aparentemente não claras, de se autorregular. Estamos sempre num campo, sendo nós mesmos um campo, e é nessa relação de campos e entre campos que tudo acontece. Estamos sempre numa relação parte-todo, figura-fundo, dentro-fora, na qual o organismo acontece como um todo. Estar saudável é estar atento a esse processo, enquanto a doença é a ruptura dessa relação orgânica e natural. Não teríamos condição de nos ajustar, se isso dependesse exclusivamente de um ato formal de nossa vontade. (RIBEIRO, 2016 p. 64)

No caso de Marco, o reencontro com o passado na infância da qual não tinha lembranças pôde se dar na medida em que ele trouxe a gastrite que o acompanhava desde pequeno. Nesse sentido, pode-se recordar que, “em Gestalt-terapia, o sintoma corporal é deliberadamente utilizado como ‘porta de entrada’ que permite um contato direto com o cliente, respeitando a via que ele mesmo escolheu, embora, com frequência, involuntariamente” (GINGER; GINGER, 1995, p.161).

Utilizar recursos que favoreceram a *awareness* no presente permitiu a Marco

dissolver o conhecido imutável presente no órgão escolhido, pela vivência dolorosa infantil, e permitiu-lhe formar uma nova figura. Dessa forma, o presente

é uma passagem do passado em direção ao futuro. O passado é o que não muda e é essencialmente imutável. Desse modo, as abstrações e a “realidade” abstrata imutável são construções da experiência passada fixada. Ao concentrar-se a *awareness* na situação concreta, essa preteridade da situação se dá como sendo o estado do organismo e do ambiente; mas de imediato, no instante mesmo da concentração, o conhecido imutável está se dissolvendo em muitas possibilidades e é visto como uma potencialidade. À medida que a concentração prossegue, essas possibilidades são retransformadas em uma nova figura que emerge do fundo de potencialidade: o self se percebe identificando-se com algumas das possibilidades e alienando outras. O futuro, o porvir, é o caráter direcionado desse processo a partir das muitas possibilidades em direção a uma nova figura única. (Perls; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.181).

A partir daí, foi possível o trabalho com um recurso favorecedor de *awareness* não verbal, a identificação e a localização no corpo de sensações e sentimentos, o que possibilitou ao cliente descrever como os experienciava e expressar que permanecia em contato, pois a essência da sensação está no fluxo.

Segundo Schnake (2008), o órgão doente fala de muitos modos, e, enquanto a pessoa não entender a mensagem, eles serão inimigos. Enquanto isso acontece, a pessoa não está fazendo nada que favoreça sua cura, mas tentando se livrar de uma parte de si mesma que nunca compreendeu totalmente.

A abertura ao órgão elegido por Marco – o estômago – permitiu o contato com aspectos da dor, e o trabalho que me coube enquanto psicoterapeuta foi o de realizar a leitura fenomenológica e devolver seus conteúdos para serem comparados ao funcionamento psíquico dele. Ao mesmo tempo que Marco ouvia o que o órgão tinha a dizer, movimentava-se, para que essa parte fosse ouvida e atendida, e ficava, ao término do trabalho, *aware* dessa necessidade em relação ao si mesmo como integrador da experiência. O órgão sustentou algo que não havia sido possível demonstrar de outra forma. Assim, pode-se lembrar o que afirma Kepner:

Quando as funções de contato não estão disponíveis para a consciência, o corpo não pode mais se adaptar fluentemente ao seu mundo. Os aspectos do funcionamento de uma pessoa que são negados, isto é, não são experimentados como parte de si mesmo, não estão totalmente disponíveis para contato com o meio ambiente. Quanto mais limitadas são as capacidades de contato, mais fragmentada, desorganizada e sujeita à resistência se torna a experiência de si e do ambiente. (KEPNER, 2000, p. 6)

O corpo, as suas funções de contato e a saúde psicológica se relacionam à perda dessas funções quando há uma separação do ser corporal. Nesse sentido, Marco pôde trazer algo do fundo de vividos de uma experiência de ter salvado a mãe da morte após

lidar com situações em que ela dizia que iria morrer. Segundo Perls, Hefferline e Goodman,

a deliberação inibitória operada pela criança, ou, ainda, a inibição deliberada, está na base daquilo que possa ser considerado um comportamento neurótico, embora não haja absolutamente nada de neurótico em tal deliberação, em si ela é um ajustamento criador. Trata-se de um tipo de interação social cuja característica é a interdição dos hábitos com base nos quais, a função de ato pode criar. A função de ato não permite mais adaptar os excitamentos às possibilidades disponíveis no meio social. Ela parou sua ação. É assim que a inibição deliberada sempre tem a ver com a contração muscular, com a interrupção dos movimentos que possibilitariam que uma função de ato operasse criativamente com o fundo de excitamentos. (PHG, 1997, p. 233)

Após algumas sessões, Marco trouxe a situação de abuso vivenciada na infância. O trabalho ocorreu dentro de seu limite e no sentido de buscar o suporte necessário para a propriocepção, resgatando o processo sensório-afetivo do cliente, que, através da respiração, localizou os pés como contato e como um dos recursos para atravessar sua experiência dolorosa.

Muito importante no trabalho com traumas são os recursos da respiração, do enraizamento, o trabalho com metáforas, técnicas de relaxamento, recursos artísticos, entre outros. Existem trabalhos específicos de respiração que fazem uma ativação neurofisiológica do sistema nervoso parassimpático que vai ajudar a desativar o estado de alerta provocado pela sobre ativação do sistema nervoso simpático. Técnicas específicas de enraizamento que irão ajudar no desenvolvimento do suporte interno, a *awareness* dos apoios físicos, da sustentação física, ajuda o cliente a ir se conectando com sua sustentação emocional, lembrando que, para se trabalhar com uma pessoa traumatizada, faz-se mister entender sua vulnerabilidade singular e única. (BRITO, 2020, p. 23)

O trabalho com Marco foi considerado por mim a partir de uma perspectiva de campo no aqui-e-agora, ou seja, como parte de um sistema relacional em busca da *awareness*. O trauma interfere nessa relação, estando não no evento, mas sim na fisiologia da pessoa.

De acordo com Brito (2020), diante de uma intensidade que ultrapassa a emergência segura, o indivíduo não tem apoio interno para integrar e, então, ultrapassa essa autorregulação, configurando-se, assim, a situação traumática, a qual altera a bioquímica cerebral, ativa mudanças hormonais, aumenta a produção de adrenalina, cortisol e opioides. Ela afeta nosso sistema nervoso, prejudicando a capacidade de autodefesa e de ajustamentos criativos de sobrevivência e criando situações inacabadas, interrupções de contato. O trauma de desenvolvimento de um choque, que ocorre em algum estágio do desenvolvimento infantil, é inesperado, súbito e grande para o indivíduo, não ofertando suporte ao sistema nervoso para compreender e assimilar o acontecimento.

A desorganização a que se referia Marco quando se desestabilizava trazia sentimentos de medo, intenso desamparo e perda de controle, que se referem a aspectos

relacionados ao trauma de desenvolvimento de choque e à ativação do sistema nervoso simpático, causando uma resposta fisiológica que provoca a sensação de uma ameaça constante.

De acordo com Yontef (1998), o adulto vítima de abuso na infância deve ser compreendido além do tempo cronológico, via temporalidade do aqui-e-agora, que considera significativo todo passado e futuro retidos no presente, uma vez que toda existência é perpassada por passado, presente e futuro no aqui-e-agora.

O convite a Marco para o experimento ofertou-lhe a oportunidade de atuar dentro das possibilidades do aqui-e-agora e permitiu-lhe desenvolver a *awareness* da experiência presente, tocando dores abertas a partir da reconstrução de contatos interrompidos. O trabalho se deu dentro da idade em que o trauma ocorreu, com a inserção dos recursos possíveis ao cliente, pois estes foram a segurança de Marco. Como afirma Zinker,

o experimento é a pedra angular do aprendizado experiencial. Ele transforma o falar em fazer, as recordações estéreis e as teorizações em estar plenamente presente aqui, com a totalidade da imaginação, da energia e da excitação. Por exemplo, ao reviver em ato uma antiga situação inacabada, o cliente é capaz de compreendê-la com mais riqueza e completar essa vivência com os recursos de sua nova sabedoria e entendimento de vida. (ZINKER, 2007, p. 141-142)

A Gestalt-terapia é uma abordagem relacional, o sofrimento é fenômeno do campo, brota em relação à alteridade e é, de forma paradoxal, por ela sustentado. Explicitar o conceito de self é considerar a fronteira de contato, lugar em que ocorre a experiência; para além do paradigma individual, trata-se de uma estrutura processual.

Sobre o conceito de self, de acordo com PHG,

chamamos self ao sistema complexo de contatos necessário ao ajustamento no campo imbricado. O self pode ser considerado como estando na fronteira do organismo, mas a própria fronteira não está isolada do ambiente; entra em contato com este; e pertence a ambos, ao ambiente e ao organismo (PHG, 1997, p. 179).

Marco apresentava uma constante insatisfação pelo fato de que, por mais que tentasse, não supria as demandas da esposa, da família e do trabalho. Dedicava-se muito em atender às necessidades mais emergentes do meio, mas não tinha sucesso nisso.

De acordo com Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012, p. 185), o “neurótico” se queixa de um personagem, inclusive ele próprio, que encarna os interesses do outro social capitalista ao qual não consegue satisfazer. Ele é fruto dessa opressão, para a qual a queixa neurótica é indicativa de uma doença a ser tratada. O apego a cenas do passado, a dúvida em relação ao presente e o medo do futuro constituem estratégias de suspensão do peso das demandas de alienação geradas pelo produtivismo consumista,

são o ajustamento criador.

Os introjetos são as primeiras formas de darmos conta do mundo e nos ajustarmos a ele. No caso tratado, os introjetos de Marco foram se apresentando a partir da projeção pelo adulto da relação com a mãe: “me deixava como ajudante dela”, “esqueci que fui filho”, “não tive adolescência liberada”. Como afirma Perls (1981), a introjeção é o mecanismo neurótico pelo qual incorporamos em nós normas, atitudes, modos de agir e de pensar que não são nossos.

Na medida em que pôde percorrer o caminho rumo às suas necessidades, Marco desalojou de si o cuidado com a mãe e se percebeu como filho diante de suas necessidades.

Enquanto criança, ele desenvolveu uma gastrite, outro ajustamento e defesa: retrofletir. Nessa situação, ao invés de direcionar uma ação ao meio, a pessoa a direciona para dentro, não permite que a necessidade seja expressa e inicia o processo retroflexivo. Quanto a isso, Perls (1981) aponta que, ao suportar as introjeções indigestas, a pessoa trata a si mesma como originalmente quis tratar os outros. Assim, Marco se depara com a impossibilidade de desalojar as introjeções e direcionar para o meio suas energias; ao contrário, ele deixa de atender a si mesmo e direciona para si uma energia agressiva, a gastrite.

Um outro ajustamento possível a Marco para não engolir sem mastigar (introjetar) e não retrofletir (dar conta em si mesmo, implodir) foi o de banalizar. Havia um declínio no desejo, de forma que foi necessário, no processo psicoterápico, acolher e encorajar a capacidade de Marco enfrentar o outro capitalista em uma postura crítica em relação às causas de sua banalização.

Segundo Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012, p. 203), o ajustamento banal se configura na medida em que não se pode operar com os próprios desejos, assim não se satisfazem as expectativas do outro capitalista e promove-se a “substituição” dos desejos e identidades sociais por sobras sociais. A única forma de resistir é fugir do conflito. Como clínicos, cabe-nos acolher essa diferença, escutar o que se diz.

Quando a alienação do próprio desejo é o possível, ajustar-se banalmente é ajustamento criativo e defesa, assim foge-se do conflito, evitando-se a vulnerabilização. Na psicoterapia, houve espaço para Marco se vulnerabilizar e expor um pedido solidário – “discreto pedido de socorro” – diante das perdas que atravessou (mãe e filhos), o qual trouxe um ajuste criador. “Essa vulnerabilidade pode ser o ponto de ativação de ajustamentos criativos – que não são mais que discretos pedidos de socorro, aos quais denominamos de ajustamentos de inclusão” (Müller-Granzotto; Müller-Granzotto, 2012, p. 167).

Marco se sentia destituído identitariamente. Tinha trabalho e família, mas essas relações o suprimiam e, assim, ele não conseguia se reconhecer no âmbito identitário. A relação terapêutica, segundo Cardella (2020, p. 178), precisa se configurar morada

humana, hospitalidade ao mistério que é o ser humano, deve reconhecer o sofrimento sem reduzir-se a ele. Logo, faz-se necessário ao terapeuta reconhecer as dimensões singulares e universais da pessoa, ao aprender não somente *sobre* ela, mas *com* ela.

Para Marco, pedir colo e representar o colo da mãe no meu representaram um ajustamento criador. Pedir significou muito em um processo como o dele e permitiu-lhe se fortalecer em seu processo identitário e ser pai, além de revisitar e resgatar aspectos da infância, o que evidenciou o lugar do desvio como possível.

Quando cresce, o eu se arrisca; corre o risco de sofrer se evitar esse risco [por] muito tempo e, portanto, deve destruir muitos preconceitos, introjeções, laços com o passado, segurança, planos e ambições, ele se arrisca com entusiasmo se pode aceitar viver no presente. (PHG, 1997, p. 368)

Marco, enquanto homem, é um vir-a-ser, e agora os conteúdos das experiências traumáticas o conduzem a outra significação, em um campo que resgata uma identidade com esperança. A partir do encontro em que as situações inacabadas da criança interior puderam se atualizar no exercício de ser pai, ele agora ganha suporte interno na relação com os filhos e resgata a forma como a criança experiencia o mundo.

Conforme Buber (2009, p. 159) aponta, a relação dialógica se manifesta com o outro; e é ao penetrar essa relação essencial que o homem se torna Eu na relação com o Tu (BUBER, 1974, p. 32). Na abordagem dialógica, Buber (2009) identifica uma comunidade em evolução, na qual os indivíduos, ao invés de estarem um ao lado do outro, poderão estar-um-com-o-outro.

As experiências no campo clínico permitiram a Marco a abertura para estar com o outro diante das suas necessidades e, a partir da relação com os filhos, a ser convocado ao exercício de ser pai, o que beneficia a díade relacional. Ter a oportunidade de semear a expressão afetiva no exercício do contato e, assim, ressignificar as experiências infantis é, na dinâmica do campo, um ajuste criador. Essa abertura trouxe ao consulente possibilidades diante do estranhamento de não estar consigo mesmo, de forma que, após o percurso, ele já não se encontrava destituído de si.

## CONCLUSÃO

À atenção ao caminho trilhado na ponte, nas formas e ajustes que foram se tecendo no campo somou-se a necessidade de acolher, auxiliar na construção de desejos e ser uma interlocutora solidária no compartilhamento dos sentimentos, valores e pensamentos, recuperando uma linha evolutiva das formas de se ajustar de Marco.

Os ajustamentos haviam se iniciado a partir de introjeções disfuncionais em relação ao significado do trauma, e, no trabalho clínico, ele pôde desalojar de si o cuidado com a mãe e se perceber como filho com necessidades.

Enquanto criança, Marco desenvolveu uma gastrite, outro ajustamento e defesa. Ao retrofletir, ao invés de ter uma ação voltada para o meio, ele a direcionou para dentro, o que não permitiu que a necessidade pudesse ser expressa, de forma que se iniciou o processo na manifestação corporal (gastrite) das ações e emoções não expressas diante das experiências de esperar a morte da mãe e de tentar salvá-la.

Outro ajuste que se apresentou foi o ajustamento banal diante da vulnerabilidade, que tem como resposta criativa a fuga ao conflito, o que se manifestou nas queixas em relação à esposa, a si mesmo, às dificuldades para conseguir o trabalho de que gostaria e para se qualificar, além de demonstrar como uma experiência muito dolorosa acaba contribuindo para uma desimplicação no campo, como uma forma de fazer frente ao efeito opressivo das demandas de produção. Como vimos, quando a alienação é o possível, ajustar-se banalmente é ajustamento criativo e defesa.

O ajuste de inclusão também ocorre no processo terapêutico, através do pedido solidário ao terapeuta para ser colo, diante do aceite do terapeuta e em sua atuação como um corpo solidário, um suporte nesse lugar de cuidado seguro expressar o choro convulsivo e a afirmação, permitem o acolhimento radical e ampliar um protagonismo do qual ele nunca desistiu e que não poderia exercer sozinho. Esses ajustes viabilizaram a ida ao encontro de um lugar possível de realidade onde com maior clareza percebe suas necessidades e interesses, e a integração no encontro consigo e com outras crianças (no caso, os filhos). Considerar e trabalhar o movimento de travessia para uma nova representação que possa servir desvia o curso a partir da solidariedade humana.

Os ajustamentos estão sempre em trânsito, e esse caso trouxe a possibilidade de percorrê-los, o que representou o contato com espontaneidade, imaginação, awareness e manipulação, aspectos recuperados do fundo de vividos -a infância e agora ressignificados pelas experiências, liberando o fluxo entre as experiências passadas e as possibilidades futuras e a abertura para se ligar efetivamente a um lugar social, uma identidade objetiva: ser pai.

O encontro com sua trajetória permitiu a Marco a travessia de um organismo inibido em seus excitamentos, bloqueado em sua ação criativa e desidentificado como sujeito social – uma vez que não reconhecia seu valor – para um horizonte de possibilidades futuras, um caminho de experiência de contato, abertura e identificação com os desejos, experimentando a singularidade e a potência que residem na paternidade trans-formadora.

Assim, foi possível ir além do binarismo criança/adulto, em direção a uma clínica possível no livre fluir dessas experiências aparentemente opostas e passíveis, agora, de integração em uma identidade única, mudar de campo nem sempre é falar.

Após a travessia psicoterápica, nós nos reencontramos em uma praça; estávamos ambos com os filhos. Ele se aproximou, e seu semblante era o de quem está no lugar

que escolheu, já em posse de si, atualizado e pertencente a um novo aqui, agora e a seguir, crescer é assimilar as possibilidades do campo, sustentar-se sobre novo fundo e reescrever a si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. Contato em tempos de pandemia. *In: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (Org.). Vozes em letras: olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia.* Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Vozes em letras, v. 1)
- BRITO, M. A. Q. de. O trauma segundo o enfoque da Gestalt-terapia. *In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. (Orgs.). Enfrentando crises e fechando gestalten.* 1ª ed. São Paulo: Summus, 2020.
- BUBER, M. *Eu e Tu.* São Paulo: Cortez e Moraes, 1974.
- BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARDELLA, B. H. P. As dimensões do sofrimento e a recordação do humano. *In: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (Org.). Vozes em letras: olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia.* Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Vozes em letras, v. 1)
- FIGUEIROA, M. As técnicas em Gestalt-terapia. *In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. (Orgs.). A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia.* 1ª ed. São Paulo: Summus, 2015.
- GINGER, S.; GINGER, A. *Gestalt – uma terapia do contato.* São Paulo: Summus, 1995.
- KEPNER, J. I.; ZINKER, J. *Proceso corporal: un enfoque gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia.* Tradução de Jorge Abenamar Suárez Arana. 1ª ed. México: Editorial El Manual Moderno, 2000.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. *Clínicas gestálticas: sentido ético, político e antropológico da teoria do self.* São Paulo: Summus, 2012.
- PERLS, F. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia.* São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, J. P. *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos.* 3ª ed. São Paulo: Summus, 2016.
- SCHNAKE, A. *Dialogos del Cuerpo.* 2ª ed. Santiago do Chile: Cuatro Vientos, 2008.
- YONTEF, G. *Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-terapia.* São Paulo: Summus, 1998.
- ZINKER, J. *Processo criativo em Gestalt-terapia.* São Paulo: Summus, 2007.

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)